Aparatos :: Orides :: Helianto

## Pretas

\textbf{Orides Fontela} (1940--1998) nasceu em São João da Boa Vista, onde concluiu o curso normal e tornou-se professora. Seu primeiro livro, \textit{Transposição} (1969), já nasceu consagrado, com o entusiasmo do parceiro dos bancos escolares Davi Arrigucci Júnior, que incentivou a amiga a publicar e a mudar-se para São Paulo, onde ela estudaria Filosofia na \textsc{usp}. As leituras acadêmicas se combinaram, desde cedo, ao misticismo cristão e à meditação oriental --- arranjo que deixou marcas em seus poemas. Seu terceiro livro, \textit{Alba} (1983), conquistou o prêmio Jabuti de Poesia. \textit{Teia} (1996) foi contemplado com o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (\textsc{apca}). Seus poemas foram elogiados, em diversos momentos, por críticos do porte de Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Alcides Villaça, Augusto Massi e José Miguel Wisnik. Esse reconhecimento contribuiu para que a autora, em momentos pontuais, alcançasse mais leitores, mas só recentemente sua obra vêm conquistando a atenção que merece.

\textbf{Helianto} (1973), segundo livro de Orides Fontela, é guiado pela imagem da circularidade do girassol, explícita no título, na epígrafe e no

primeiro poema, além de ``Oscila'' e ``Paisagem em círculo''. Celebrada por José Paulo Paes e Antonio Candido, a poeta retoma a apreensão e fixação do que é efêmero, já proposta em \textit{Transposição} (1969). Da mesma maneira, o percurso que vai das imagens do firmamento a poemas do solo ou dos minérios reafirma a tensão da obra de estreia, entre o transcendente e o concreto, além do aprofundamento da especulação teológica e das experiências místicas, nas quais a justaposição de \textit{criação humana} e \textit{natureza} compõe uma forma de ascensão ao sagrado.

## Orelha

Celebrado por intelectuais do porte de José Paulo Paes e Antonio Candido, \textit{Helianto} é o segundo livro de Orides Fontela, publicado em 1973. A circularidade que compreende o conjunto, desde o título, dá o tom desta obra, na qual, fascinada pelo instante, a poeta intenta fixar o que é passageiro.

Repousar no estar-entre, deixar-se estar nos interstícios --- em meio ao movimento do girassol, Orides Fontela vai do firmamento e dos corpos celestes aos minérios mais profundos, num arco poético extenso, no qual a flor cumpre círculo e ciclo, mas é sobretudo \textit{cânon} --- espraiada por múltiplos planos.

Da mesma maneira, nestes poemas a experiência sensível de atravessar-se pela natureza ganha inflexões místicas. A diafaneidade da rosácea atravessada pelo sol, cuja luz diviniza o tempo cíclico, é imagem na qual criação humana e natureza se combinam de modo a ascender ao sagrado por meio da poesia --- aspiração última da autora.